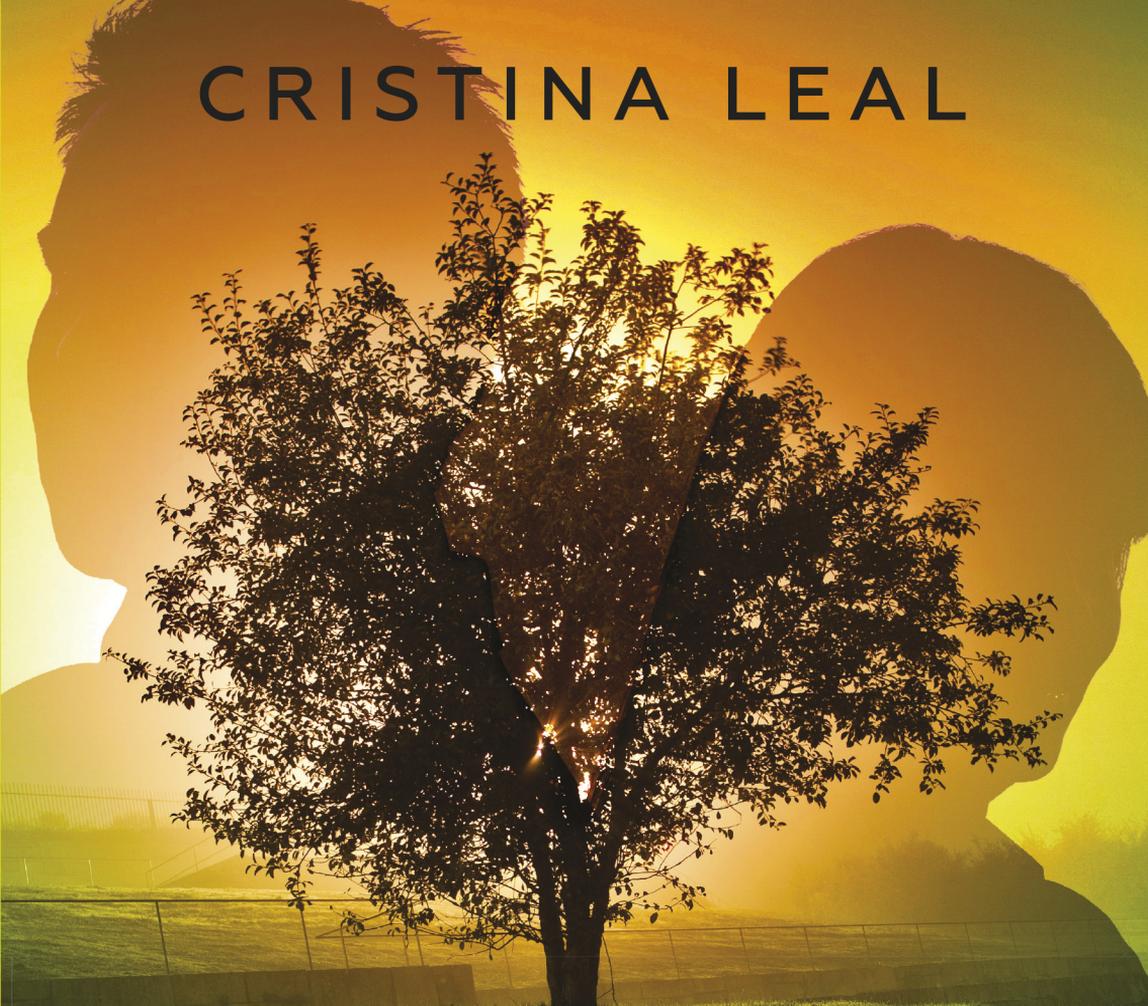


CRISTINA LEAL



AMOR

— ROMANCE INSPIRACIONAL —

ENTRE NÓS

Não há milagres de amor, há sim amores
que conosco fazem verdadeiros milagres.


nascente

*Ao Duarte, meu neto,
homem da minha vida,
pelo nosso (re)encontro na Terra,
pela profundidade dos seus ensinamentos,
pela certeza do nosso eterno amor.*

Índice

Prefácio	7
Capítulo 1	♦ Diferenças vs. divergências	13
Capítulo 2	♦ Comunicação	29
Capítulo 3	♦ Expectativas	47
Capítulo 4	♦ Os espelhos	81
Capítulo 5	♦ (In) fidelidade	123
Capítulo 6	♦ O silêncio	143
Capítulo 7	♦ A inevitabilidade da sucessão	155
Capítulo 8	♦ Equívocos e encontros	169
Capítulo 9	♦ Sincronicidade	175
5 anos depois	181
Epílogo	205
Agradecimentos	207

Prefácio

NADA ACONTECE POR ACASO

Conheço a Cristina Leal há pouco tempo e raras foram as vezes em que fisicamente nos encontramos. Não estranhei, no entanto, o facto de ela me pedir para prefaciá-lo este livro.

Logo aquando do nosso primeiro encontro — apenas aparentemente ocasional —, soube do impacto que um determinado livro meu tivera sobre ela e de como as palavras escritas por mim a tinham ajudado, de forma decisiva, a avançar com a sua vida, numa altura de total mudança, em que, por vezes, se sentia perdida num túnel sem luz.

E, no fim de uma conferência minha a que assistiu, disse-me, com grande simplicidade, que só eu poderia fazer o prefácio para o livro que acabara de escrever. Estava certa de que ele tinha de ser escrito e de que iria ser publicado, embora ainda sem saber por quem.

Aqui estou, portanto, a obedecer a essa espécie de ordem, vinda sabe-se lá de onde, debruçada sobre um imenso painel de fotografias instantâneas saídas directamente do fundo da alma da sua autora, aí onde não há qualquer controlo e a verdade se impõe.

Embora as nossas respectivas histórias sejam muito diferentes, assim como diferentes são as circunstâncias em que cada uma de nós iniciou o seu percurso de vida neste mundo, não há dúvida de que as ideias chave que nos levam a encarar a vida de uma determinada maneira — e, a partir daí, a escrever —, são semelhantes.

Talvez tivesse sido esse o sabor do abraço com que, logo no primeiro encontro, nos despedimos, como se já existisse entre nós uma amizade construída ao longo de um tempo que não o mensurável. Algo que ultrapassa aquilo que nos separa.

Sem dúvida de que alguns dos assuntos sobre os quais eu continuamente escrevo são aqueles que este livro da Cristina Leal aborda: os encontros e desencontros nas relações amorosas; os medos que nos dificultam distinguir entre realidade e ilusão; saber o que é a liberdade; a tendência para confundir intuição e expectativas; aprender a estar só e o que é o verdadeiro amor; os processos transformadores e rupturas que nos despertam para a realidade; e reconhecer a importância de nos amarmos a nós próprios...

E, de facto, concordo plenamente com ela, quando diz que «até aprendermos o amor, vivemos num campo armadilhado» ou se interroga sobre se «a árvore poderia crescer em direcção ao céu sem que as suas raízes acompanhassem esse crescimento em direcção à terra».

Ao ler este seu livro tive, por isso, várias vezes, a sensação de estar perante algo escrito por mim, embora sob uma forma diferente da que me é própria, havendo, nomeadamente, termos linguísticos que eu não empregaria, assim como um à-vontade mais solto e ousado mas também menos comprometido — e, portanto, estruturado — na maneira como comunica as vivências dela. E, várias vezes, parei deliciada com a autenticidade, a lucidez e a sabedoria com que ela o faz.

Ao abrir-se da cabeça aos pés, sem temer juízos ou avaliações, a Cristina Leal revela como é difícil — e eventualmente doloroso, mas também aquilo que pode tornar a vida cada vez mais significativa — ousar acreditar, antes de mais, em si próprio.

Sei, por experiência própria, que a qualidade — a plenitude ou o vazio — do tempo que se segue à chamada crise da meia-idade depende muito da forma como vivemos esses anos transformadores que sempre são de aprendizagem solitária.

E louvo a leveza com que ela deles fala, apesar de reconhecer que, para quem sempre fora habituada a ter um relacionamento sentimental, os sentiu «duros, ferozes e regeneradores».

Louvo a lucidez profunda que a leva a revelar que, depois de ter passado 40 anos da sua vida a acreditar no amor como sendo um conto de fadas, só quando a vida, «com a sua perfeita inteligência», a obrigou a estar durante um tempo sem esse «companheiro

imaginário» é que aprendeu a criar o espaço necessário para encontrar o homem da sua vida dentro dela própria.

E louvo o humor profundíssimo com que diz que esse «casamento com ela própria» tem sido uma enorme descoberta. Um compromisso que gosta de assumir: ser fiel e amar-se a ela própria, querendo ser sua para sempre.

Foi já há muito tempo que vivi tudo isso pelo qual a Cristina agora está a passar. Também eu sei, por experiência própria, o que é ser atraída por pessoas que nos magoam. O porquê do imenso fascínio que o poder exerce sobre todos nós. Como é difícil viver tranquilamente com as contradições que nos habitam e acreditar que, afinal, é isso que somos.

Tal como ela, sei o que é viajar até aos confins do meu Eu e tocar o fundo do poço. Ter de aprender que somos nós que atraímos o que nos acontece, que o amor é algo que se aprende e que estar vivo é uma arte. Mas só lentamente fui aprendendo que ser livre é perder o medo e viver o aqui e o agora.

Toda essa aprendizagem, de que o tempo é o nosso grande mestre que nos vai apresentando as experiências necessárias para podermos ir acompanhando o movimento da vida, começou, para mim, quando eu tinha a idade que a Cristina Leal tem agora. O que eu então ainda não tinha era a lucidez e a sabedoria que este seu livro revela.

Daí que, ao lê-lo, me tenha deliciado com o misto de leveza, profundidade, alegria e descontração com que ela se refere aos anos que passou sozinha, até chegar à verdade — e à consciência — a que hoje chegou. À possibilidade de agora poder, ao olhar-se ao espelho, reconhecer que as suas rugas são «sinónimo da dor que é perder as ilusões», assim como de ver o outro, cada vez mais, como ele é e não como ela queria que fosse.

É um livro que, tal como os que eu escrevo, afinal, aborda a morte e o renascimento com que todos nós somos continuamente confrontados, neste mundo em que tudo é efêmero, mas onde também somos continuamente desafiados a acreditar na existência de algo eterno.

A ideia de que esta vida é uma viagem no tempo. E quaisquer que sejam as suas circunstâncias, são elas que nos vão mostrando por onde é o nosso caminho — caminho esse que, a partir da posse, nos convida ao despojamento, que, em vez da luta, nos propõe a rendição e onde, em vez de ficarmos agarrados ao nosso ego limitado, somos desafiados a descobrir em nós um eu ilimitado.

MARIA JOSÉ COSTA FÉLIX



*A vida é simples.
São apenas escolhas.*

Capítulo 1

DIFERENÇAS VS. DIVERGÊNCIAS

Procura ser mais consciente das diferenças,
para que elas não se tornem divergências.
Foca-te nelas e não no porquê da sua existência.

Quanto às semelhanças?

Deixa-as em paz e talvez um dia percebas
que nelas existem também algumas diferenças.

Marta

Confesso-me incomodada com o comando da televisão, onde os dedos do João tocam freneticamente, mudando os canais à velocidade da luz.

Que raiva! Parece nem perceber que estou ao seu lado.

Não consegue sentir que eu gostaria que ele me olhasse por um momento e conseguisse entrar em quem eu sou, como entra nas cenas da merda de filmes que consome compulsivamente sempre que aqui se senta ao serão comigo.

Aqui fico. Talvez por querer tanto ter alguém com quem olhar na mesma direcção de vida esteja aqui embasbacada, a olhar para o ecrã com ele, na expectativa de que os canais tenham todos intervalos ao mesmo tempo e de que ele não aproveite só para ir à casa de banho, mas também que me faça sair deste marasmo, onde me sinto totalmente invisível.

Sento o computador ao meu colo e toco-lhe com o carinho com que queria ser agora tocada. Afinal, é com ele que desabafo.

O João nem se mexe. Preciso de falar com alguém, senão rebento.

Vou escrever à Luísa, minha amiga de infância. Talvez ela me possa ajudar a perceber porque acontece isto constantemente comigo. Será que os homens são todos assim? Ou será que sou eu que tenho azar?

Abro o e-mail, que está a transbordar de futilidades, talvez fruto da falta de sentido que neste momento tem a minha vida.

Queria mesmo era que alguém me enviasse uma poção mágica, uma maçã envenenada que me adormecesse para sempre, sei lá, qualquer coisa. Qualquer coisa, menos isto. Odeio esta sensação.

Tão perto da vista e tão longe do coração.

De: lu@gmail.com.uk

Para: martinha@gmail.com

Assunto: Amiga precisa-se

Olá Londres, olá Lu!

Que saudades, minha amiga.

Penso vezes sem conta em ti, mas o tempo vai passando e com ele a certeza de que há alturas da vida em que precisamos de partilhar aquilo que sentimos e que essas são as alturas em que se torna necessário perceber com quem realmente podemos contar. Quando os laços são fortes e verdadeiros a distância é pura ilusão. Mas, quando isso não acontece, é a proximidade física que se torna ilusão, com a dolorosa distância de uma presença ausente.

No fundo é isto que neste momento estou a viver ao lado do João — uma solidão sem precedentes. Agora mesmo ele está aqui, ao meu lado, com o indicador colado ao comando e os olhos colados ao ecrã. Desde que chegou, pouco falámos, como, aliás, ultimamente acontece.

Pergunto-me o que terei eu de errado, pois, no início, as coisas pareciam estar tão bem encaminhadas e, agora, parece uma réplica exacta do meu ex-companheiro que tanto me fez sofrer com a sua rejeição. Sempre que falamos, reforça a minha insegurança, repetindo, vezes sem conta, que não quer grandes compromissos, que estamos bem assim, cada um em sua casa e cada um na sua vida.

A verdade, amiga, é que ainda não percebi o que ele entende por compromisso e, para te ser sincera, acho que ele próprio também não. Passamos fins-de-semana juntos, quando ele não tem o filho, temos um bom entendimento na cama, temos gostos idênticos, mas, depois, ele tem destas coisas. Estes afastamentos que não consigo perceber e que só me fazem pensar que fiz algo de errado.

Mudando de assunto...

E tu, minha querida? Ainda apaixonadíssima pelo economista pragmático e racional que te fez voltar a acreditar que o amor existe e que é possível encontrá-lo? E o trabalho, como está a correr?

Need some help. Estou a sentir-me só e desamparada.

Recebe aquele abraço forte e caloroso.

Marta

João

Este vento na cara lembra-me do quanto gosto dos prazeres da vida.

Já não conseguia mais estar em frente da televisão a fingir-me entretido só para não lhe dizer na cara o quanto estou farto desta «espécie de coisa» a que ela insiste em chamar relação.

A Marta sufoca-me. Aliás, não consigo entender porque insisto nisto. Será pela cama? Pela companhia? Sei lá. Gosto dela, mas nada mais!

Só sei que, desde que me separei, não me apetece nada ter uma tipa a controlar os meus passos e a dizer-me o que devo ou não fazer.

Depois, jurei a mim próprio que nunca mais embarcaria em situações como as que vivi anteriormente e ponto final.

A minha vida finalmente a correr sobre rodas, o puto já crescido, a viver com a mãe, o gabinete de arquitectura cheio de trabalho e sem grandes chatices, os campeonatos de bilhar, onde cada vez mais sou reconhecido... E só para estragar tudo ela sempre a exigir de mim atenção, mensagens, telefonemas, longas conversas.

Está a faltar-me a coragem para acabar com isto. Pode ser que entretanto ela se farte e decida. Ao menos poupa-me esse trabalho. Pareço frio, não é? Pois, mas não sou. Sou é apologista de que não vale a pena pensar muito.

É que pensar não resolve nada.

Isso é para ela que está sempre a pensar, tem sempre coisas para dizer. Às vezes já nem a posso ouvir, sempre a repetir a mesma coisa. Lembra-me a minha mãe. Deve ser mal das mulheres.

Agora preciso é de me focar no próximo campeonato e avisar rapidamente o Francisco das datas, para que possa marcar a viagem atempadamente.

Vou deixar as coisas correrem: preciso de respirar, de me sentir solto.

Como gostava que ela entendesse que quanto mais me aperta mais me afasta. E a verdade é que estou afastado.

Para: francisco@gmail.com.uk

De: joao@gmail.com

Assunto: Campeonato dia 21

Viva, Francisco!

Tudo bem contigo, companheiro de tacada?

Tenho jogado imenso e recordado o quanto é bom quando estás em Portugal. Dar-te aquelas coças que te fazem acreditar o quanto sou mesmo melhor do que tu!

O próximo campeonato é já dia 21 do mês que vem e espero contar contigo deste lado, para desmentires as palavras que disse no parágrafo anterior.

E de resto: ainda sozinho a curar o divórcio?

Eu nem te digo nada. Cada vez mais afastado da Marta.

Um controlo cerrado: «porque não ligaste?», «ao menos uma mensagem», «será que custa muito desejar boa noite?» Estou farto!

As mulheres são realmente difíceis. Nunca estão satisfeitas. Pergunto-me se serei eu que já estou numa idade em que não tenho pachorra para brincar aos papás e às mamãs nem aos casamentos.

Confirma-me rapidamente a tua presença, para que te possa inscrever no estrondoso campeonato onde, repito, vais levar uma coça.

Um abraço,

João

Francisco

Tempos houve em que a Economia era tudo na minha vida. Mergulhado em estratégias financeiras e conceitos económicos, o tempo passava e eu parecia querer ultrapassá-lo compulsivamente, ocupando-o para além dele próprio e sentindo sempre que não me chegava para tudo o que estupidamente me obrigava a fazer.

O meu casamento resumia-se a um papel de letras sumidas e amareladas, responsáveis pelo «cas», estado civil do meu bilhete de identidade e onde nada existia além de um imenso armazém de haveres e dos comentários que ao serão ambos fazíamos à situação económica internacional.

Não tinha tempo para mais. Nem tempo, nem espaço interior. Acordei deste entorpecimento no dia em que a minha ex-mulher me confrontou com um outro papel. Este de letras bem visíveis e definidas, que me passou num ápice de «cas» para «div». Mas, desta vez, a mudança não ocorreu só no papel. Ocorreu em mim. Tudo na minha vida mudou. O tempo parecia ter parado, e a vida parecia ser algo que eu desconhecia por completo. Finalmente estava a ser obrigado a sentir. Não conseguia conter as lágrimas quando, aos fins-de-semana, ficava em frente à televisão a questionar onde teria eu errado. Precisei de recorrer à psicoterapia para resgatar alguém que, até à data, desconhecia — eu próprio. Sei que ainda há quem me veja como o economista pragmático e racional que em tempos fui, e isso pouco me importa. Hoje sinto e permito-me sentir. Muita desta aprendizagem devo à Luísa, a quem gosto de tratar por *Tinkerbell* e que me tem feito perder o medo de partilhar, o medo de reconhecer que tantas vezes me sinto frágil e inseguro. O tempo que passei sozinho foi um grande mestre. Talvez por isso, hoje, as coisas entre mim e a Luísa sejam tão naturais e tranquilas. Ela respeita e aceita as nossas diferenças e isto ajuda-me a aceitá-las e a respeitá-las também. Falamos abertamente sobre as coisas. E muitas vezes ela

diz que é muito bom estar numa relação consciente. E uma relação consciente é uma ótima ferramenta de trabalho interior. Acho-lhe graça, nunca tinha visto as coisas assim. Será que finalmente estou a amar alguém?

Para: joao@gmail.com

De: francisco@gmail.com.uk

Assunto: Campeonato dia 21

Então, «grande campeão», tudo bem por aí?

Como vai a nossa Lisboa? Confesso que tenho saudades do sol e do mar do nosso Portugal.

Ora então, vamos por partes...

Quanto às coças, preferia lembrar-te da nossa primeira aula de surf, onde te fui buscar quase a Marrocos, todo enrolado na prancha, depois de teres bebido quase meio oceano... Remember? O que são umas tacadas de avanço, perante alguém que te salvou a vida?

Enfim, uma questão de perspectiva.

Saindo da brincadeira, quero dizer-te que, desta vez, não irei participar no campeonato. Para te explicar a razão pela qual não irei, terei primeiro que te dizer que, depois destes dois anos a curar as feridas do divórcio, estou há três meses com uma mulher extraordinária, a Luísa, que me está a mostrar a outra face da moeda. Por acaso é mesmo dia 21 que os seus 47 chegam e, como deves calcular, não quero deixar de estar presente, por saber o quanto isso vai ser importante para ela.

Calculo o que estás a pensar... Mas vendo a coisa de uma forma pragmática, a relação custo-benefício está em equilíbrio. Aceito o custo pelo benefício que é poder estar a desfrutar desta relação madura e tranquila que me faz sentir tão bem. Eu, pecador, me confesso «apanhado», buddy. Será que a neblina londrina tem que ver com isto? Mas irei aí assim que tiver disponibilidade, ok?

Ah, e olha que as mulheres são tão difíceis como nós... É o preço de sermos humanos. Mais do que difíceis, somos diferentes, não te parece?

Vê bem o que queres da Marta e o que estás disposto a dar nessa relação. Acho que isso te pode ajudar a gerir melhor essa vossa crise. A Luísa costuma dizer que crise é oportunidade. Sabes que mais? Hoje, depois do que passei no divórcio, faço minhas as palavras dela!

Desejo-te um excelente campeonato, recheado de boas e certas tacadas, e fico à espera de saber quem, no meu lugar, te deu desta vez a coça merecida.

Fica bem.

Francisco

Luísa

Duros e regeneradores os anos que passei sozinha. Sempre me habituei a ter uma relação. Ainda me lembro do meu primeiro namorado. Acho que o primeiro nunca se esquece. Era tudo tão inocente. Tão deliciosamente inocente. Depois, tudo mudou.

Foram ferozes os anos de aprendizagens até aqui chegar, e a verdade é que cheguei. Este é o local onde me encontro hoje. Chamolhe consciência. Indubitavelmente, um caminho sem retorno.

Olho-me ao espelho e vejo as minhas rugas. São sinónimo da dor que é perder as ilusões.

Hoje, vejo-me melhor, por isso cada vez mais vejo o outro como ele é e não como eu quero que ele seja.

Falo menos e ouço mais. Confundo cada vez menos intuição e expectativa, mas tempos houve em que isto tudo se enrolava em tenebrosas relações, onde só havia um fim possível: o meu absurdo e dilacerante sofrimento.

Passei 40 anos a acreditar no amor como se de um conto de fadas se tratasse, a fazer planos românticos, a projectar romances cor-de-rosa que, sem que eu me apercebesse, num ápice mudavam de cor.

Até que a vida, com a sua perfeita inteligência, me «obrigou» a estar durante um tempo sem esse companheiro imaginário e me ensinou a criar o espaço necessário para que o «homem da minha vida» fosse encontrado dentro de mim própria. Hoje, afirmo que este «casamento» tem sido uma enorme descoberta.

Talvez tenha sido este caminho que já percorri que me faz entender tão bem a minha amiga Marta. No fundo, eu sinto a dor dela através da memória da minha própria dor e sei que quando nos agarramos a uma relação como um náufrago se agarra a uma tábuia vivemos numa espiral de dor, onde o foco principal tem de ser modificado, e isso é sempre um processo alquímico onde, apesar do apoio dos outros, o que realmente importa é o quanto decidimos apoiar-nos a nós próprios.

Para: martinha@gmail.com

De: lu@gmail.com.uk

Assunto: Diferenças vs. divergências

Marta, querida,

Bom ler-te e poder teclar-te.

Também eu penso vezes sem conta em ti, mas, como dizes e muito bem, o tempo vai passando e nem sempre conseguimos geri-lo da melhor maneira. Sabes que podes sempre contar comigo e concordo quando falas nos nossos laços e do quão fortes são, apesar da distância, que concordo ser pura ilusão.

Fiquei triste ao perceber que as coisas entre ti e o João não estão a correr bem. É nestas alturas que nos devemos lembrar de que o universo é inteligente. Realmente, nada acontece por acaso.

Falaste da solidão que sentes ao lado dele e as minhas memórias levaram-me para o tempo em que sentia essa terrível distância ao lado do meu ex-marido. No entanto, não conseguia separar-me dele por medo de... ficar sozinha. Para além dessa solidão a dois ainda incluir, como bem sabes, toda aquela violência física que, felizmente, para além de mazelas, me trouxe consciência de que merecia muito mais do que aquilo. Que grande capacidade temos de nos iludir.

Não é fácil aceitar o outro, porque, antes de mais, não é fácil aceitarmo-nos a nós próprios. Referes no teu e-mail «que terás feito tu de errado». Isso demonstra o quanto te estás a maltratar e o quanto estás a querer arranjar culpas onde elas não têm lugar. Para mim, numa relação, não existe certo ou errado. Existe é maior ou menor consciência de si e do outro e um maior ou menor desejo de se desenvolverem juntos, apesar das diferenças.

Sabes? Sempre reflecti muito sobre as diferenças que existem entre os homens e as mulheres. Somos realmente diferentes. Hoje sei, por experiência, que aqui começam muitos dramas entre casais. Parece tão simples aceitar que o outro é diferente, não é? O facto é que quando somos confrontados com as diferenças, para além de muitas vezes não sabermos lidar com elas, ainda acabamos por discutir por

coisas estúpidas, quando o que está em causa é claramente a forma diferente como cada um vê, pensa, sente, se motiva e se envolve nas situações.

Demorei anos a entender isso e, por vezes, ainda despertam em mim memórias de um passado onde essa consciência não existia.

Durante o meu casamento, pensava que se o outro me amava devia comportar-se e agir de uma certa maneira. No fundo, da maneira como eu me comportava e agia por amá-lo. Comecei a ter a percepção de que isso não funcionava no dia em que o meu ex-marido chegou a casa, depois de um problema na empresa, e decidiu contar-me o sucedido sem grandes pormenores, como aliás costumava acontecer. Depois de feita a sua «síntese», para ele sinónimo de desabafo, sentou-se em frente da televisão e começou a mudar freneticamente de canal. Sentei-me de imediato a seu lado para o apoiar, pensava eu. Apoiar, para mim, significava falar mais sobre o tema, perceber melhor e com mais pormenores o que, na realidade, tinha acontecido. Eu falava, falava e questionava e ele continuava a olhar para o ecrã, completamente estático, a fazer-me sentir ignorada. A determinada altura, rebentei. Comecei a acusá-lo de que não partilhava nada comigo e de que não me ouvia. De que achava que os meus conselhos não serviam para nada e que eu não servia para mais nada, senão cozinhar, tomar conta dos filhos e rebolar com ele na cama. Deu um grito e disse: «Não percebes que sou diferente de ti? Não percebes que quando tens um problema queres falar dele com as tuas amigas, enquanto eu prefiro ficar sozinho a resolvê-lo? Se me queres apoiar, dá-me espaço e respeita esse espaço. Olha para aquilo que eu preciso e não para o que tu queres que eu precise.» E, dizendo isso, saiu porta fora. Fiquei de rastos. Só queria apoiá-lo, mas a verdade é que, de futuro, teria de perceber que tínhamos diferentes formas de lidar com os problemas e que amá-lo significava, antes de mais, respeitar a sua forma.

Mais tarde, ao falarmos sobre esse episódio, ele também percebeu que minimizava sempre as minhas questões ou me dava demasiado «espaço» para as resolver sozinha, porque era assim que com ele resultava. Percebeu o quanto isso me fazia sentir ignorada e

desapoiada e ambos fizemos um esforço para aceitar que devíamos dar ao outro aquilo que ele precisa verdadeiramente e não aquilo que nós precisamos para podermos suprir as nossas carências e necessidades.

Com esse episódio aprendi a estar mais atenta, a perceber e aceitar outras tantas diferenças que durante anos me torturaram, personificando-as, não entendendo que não era por causa de mim que ele era assim. Ele era realmente assim.

Anos sem perceber porque é que quando parecíamos estar mais próximos ele tinha necessidade de se afastar, de passar dias no computador ou de fazer uns dias de «jejum verbal», em que eu me diluía em horas de lágrimas cortantes, me «chicoteava» a pensar no que teria feito de errado para aquilo estar a acontecer.

Hoje sei que esta é apenas mais uma diferença. Temos também diferentes formas de agir e de reagir quando se trata de sentir proximidade. Como diria Barbara de Angelis, «as mulheres querem intimidade, os homens, ligação», e isso diz tudo, não te parece? No fundo, em parte, explica porque é que quando se sentem muito próximos, na sua maioria, os homens têm necessidade de se afastar.

Enquanto, para nós, esse afastamento é normalmente matéria para alimentarmos intermináveis conversas femininas sobre rejeição, para eles significa tão somente renovar, ajustar e auto-delinear espaço interior, reforçando, dessa forma, a sua própria identidade, para que se voltem a aproximar mais leves e seguros de que uma relação é uma escolha e de que amar não significa ser «encarcerado» nas garras de uma prisão chamada mulher.

Por falta de entendimento dessa diferença, é tão comum ouvirmos deles: «sufocas-me» ou «preciso do meu espaço». E também, «doute o espaço todo, não percebo» ou «preferes que eu te ignore?», por parte das mulheres.

Acredito que já deves também estar familiarizada com essas frases, na tua relação com o João, certo? Sabes que mais, amiga? Deixa de questionar a razão das diferenças e foca-te nas diferenças em si. Mais do que entendê-las, tenta aceitá-las e fazer delas pequenas pedras que não sirvam para apedrejar o outro, mas sim para ajudar ambos

a adquirirem uma maior consciência de quem são, para construírem profundos alicerces na vossa relação amorosa. Lembra-te de que a crise representa sempre oportunidade, e de que, apesar das diferenças, todos nós, no nosso íntimo, só queremos mesmo é amar e ser amados!

Espero mais notícias tuas...

Desejo-te o melhor. Sabes que estou aqui.

Abraço e Paz no teu coração.

Lu

PS: Quanto ao «economista pragmático e racional», que me voltou a fazer acreditar que o amor existe, continuamos in love, apesar das diferenças, claro está! Sei que estás em pulgas para os pormenores, mas... aguenta-te. Assim que puder, faço-te o «relatório». Para já, só levanto a ponta do véu: sabes como é que ele me chama? Tinkerbelle. Isto diz-te alguma coisa?

Capítulo 2

—◆—
COMUNICAÇÃO

Será que comunicas só porque falas?

Quando dizes uma coisa, pensas outra e sentes outra;

qual delas achas que estás realmente a comunicar?

Marta

Da mesa da minha sala vejo o mar, única fonte de tranquilidade neste sábado chuvoso, em que mais uma vez me encontro em sintonia com o meu telemóvel, ambos em silêncio profundo. O João informou-me ontem de que este fim-de-semana estaria ocupado nos treinos para o campeonato de bilhar, o que me deixou mais uma vez sem chão. Há coisas que tenho de lhe dizer, mas a verdade é que engulo as palavras por medo que elas sejam como a bola no *squash* e que, por ele não as ouvir, regressem a mim encharcadas em frustração, tristeza e desencanto.

Com esta relação, há muito que tinha deixado de escrever. Hoje, voltei a fazê-lo. Preciso de pôr para fora estes milhões de palavras amontoadas. Sei que o papel branco não lhes resiste, nem as devolve com raiva — pelo contrário, torna-as suas e, tornando-as suas, sinto essa cumplicidade de se poderem tornar «nossas».

Talvez este regresso seja um sintoma de solidão. Quantos sintomas já tive com as palavras. Estão-me coladas e, mesmo quando quero desencontrar-me delas, tropeçam em mim, desesperadas, a pedirem-me humildemente para serem partilhadas. Fingem-se inócuas, leves, sem cor ou tom, quando, na realidade, não o são.

Dói-me escrever e, muitas vezes, irrita-me ver o que escrevo. Milhares de palavras timbradas de sonhos, de mágoas, de esperanças, guardadas em caixas, onde jazem à espera de, um dia, poderem ser encontradas. Guardar palavras — que ridículo (como se elas se pudessem guardar). Guardar memórias registadas na escala máxima da telúrica força das minhas emoções.

Pergunto-me porque as guardo. Porque não morrem elas, mesmo que as queira fazer morrer? A verdade é que as invejo e me deslumbro com a sua imortalidade.

Será que essa cumplicidade me faz sentir imortal também? Um estranho egoísmo faz-me apoderar-me delas. Sinto-as minhas, mas

sei que ontem foram de outro alguém e que amanhã alguém as tornará suas também... A grande ilusão, é que neste vai-e-vem, não são de ninguém.

Se calhar faço com o João o que faço com as palavras: torno-o meu, apesar de saber que não o é. Quero guardá-lo, apesar de saber que isso nunca será possível. No fundo, gostaria de o guardar na caixa onde guardo as palavras e torná-lo imortal também. Talvez assim me sentisse mais segura.

Tenho medo que esta relação termine. Tenho medo de ficar novamente sozinha, apesar de sentir que estou mais só do que nunca ao lado dele. Chegámos ao ponto de não conseguirmos comunicar e a falta de comunicação, para uma pessoa como eu, deixa-me mergulhada em incertezas e numa impotência com a qual não sei de todo lidar.

Olho de novo o horizonte. Vejo o mar, hoje cinzento como o meu céu interior. Acendo um cigarro e dou três tossidelas. Já percebi que os cigarros me fazem mal, mas iludem-me de companhia. Verdade. Hoje, prefiro esta ilusão à certeza de que estou incomensuravelmente só!

Para: lu@gmail.com.uk
De: martinha@gmail.com
Assunto: Comunicação

Olá, Tinkerbelle,

Lembrei-me logo das nossas brincadeiras, em que preferias ser o Peter Pan, em vez da princesa, só para poderes voar pelo mundo! Minha querida, um muito obrigada pelas tuas palavras no e-mail anterior. Não calculas o efeito balsâmico que este teve sobre mim. Estou assumidamente numa fase da minha vida em que já não sei de que lado está a verdade. Como tu própria afirmas, «que grande capacidade temos de nos iludir». Pergunto-me o quanto estarei eu ainda iludida nesta relação. O quanto estarei eu ainda iludida sobre quem sou ou sobre qual é o meu propósito aqui. As respostas surgem com tão grande lentidão que dou por mim a duvidar de que elas possam existir. Uma parte de mim sabe que nada acontece por acaso, que tudo é bafejado por essa ordem superior e que nada existe que não seja portador de significado e de propósito. Mas... Se, por um lado, sinto isso, por outro, nada entendo. Dói-me esperar. Dói-me não perceber. Dói-me e não sei aceitar! Que contradição, amiga. Que contradição. O teu e-mail fez-me reflectir mais uma vez sobre as diferenças entre homens e mulheres. Sei que estás certa, quando afirmas que o não entendimento dessas diferenças causa divergências e rupturas muitas vezes definitivas.

Essa reflexão levou-me, no entanto, a uma outra questão. Que fazer quando só uma parte está receptiva a esse tipo de entendimento? Quando nem sequer se consegue comunicar com o outro para que esse assunto possa ser falado? Pois...

No fundo, é isso que está a acontecer comigo e com o João. Ele deve achar que, movendo os lábios e dando uns sussurros, está a comunicar comigo. A verdade é que não há conversa e ponto final. Só longos, dolorosos e pesados silêncios.

Só que o silêncio tem a sua própria voz. Uma voz muda, triste e contida de quem tem milhares de palavras que não diz, porque não

saem e porque perderam o som, por medo de não serem escutadas. Contenho-as em mim, por falta de espaço, por falta de intimidade e por falta de vontade que regressem deturpadas e sem vida.

Pergunto-me onde ficarão elas? Em que se poderão transformar dentro de mim, se não optar por as partilhar nem que seja num papel branco ou as teclar carinhosamente no meu PC?

Tu, melhor do que ninguém, conheces-me, Lu. Sabes a importância que dou à comunicação e o quanto amo comunicar. Faço-o a dançar, a escrever, a olhar e a sentir... Não consigo conceber uma relação amorosa em que, em vez de tornarmos as palavras nossas aliadas, nos tornamos prisioneiras delas.

No início, falávamos de imensas coisas; tínhamos alguns interesses em comum. As coisas pareciam estar a ir no rumo certo, para, um dia, podermos construir uma vida a dois. Para ser sincera, até estava a sentir-me muito próxima da realização e do sonho de vir a ser mãe. Sinto, no entanto, que, quando lhe toquei neste assunto, ele ficou bastante assustado. Uns dias após essa conversa, veio-me com a história do «não quero compromissos», «sabes que já tenho um filho crescido e não estou em altura de fraldas outra vez» e «sinto-me pressionado; deixa as coisas correrem». Enfim, a partir desse episódio, as coisas entre nós tornaram-se amorfas, amargas e, inevitavelmente, o descompasso surgiu. Em tudo menos na cama.

Aí, o compasso parece continuar a existir e, com ele, lá vem, sorrateira, a puta da ilusão de que as coisas vão melhorar, de que um dia ele vai mudar, de que um dia ele vai querer ter filhos comigo — de que um dia, de que um dia... Só que, entretanto, já passaram muitos trezentos e sessenta e cinco...

Será que nunca vou encontrar uma relação saudável? Será que nunca vou encontrar quem queira viver uma vida a dois?

Imagina que a semana passada encontrei o meu tio que não via há cinco anos. Claro está que, quando me viu, debaixo da língua estava, ansiosa, a bela da perguntinha: «E marido? Ainda nada? Ó filha, não gostava nada de te ver encalhada para o resto da vida, mas... nem namorado?» Ai que raiva, Lu! Que raiva! Se pudesse tinha-lhe batido. Estou a perder a esperança. Sinto-me num labirinto de emoções,

com uma vontade enorme de me sentir amada e com a sensação de que esta relação só me dá migalhas, porque, no fundo, são estas migalhas que aceito. Enfim...

E, tu minha amiga? Tens razão, sinto-me em pulgas para saber como está a tua relação com o economista. Achei o máximo ele tratar-te por Tinkerbelle...

Please, give me some news... olha que quero ser madrinha. Espero que, nessa altura, já não esteja «encalhada».

Já falei muito. Como costumo dizer, na brincadeira, a escrita atraiçoa-me; corta sempre a meta antes de mim!!

Obrigado por estares na minha vida.

Com carinho,

Marta

João

Confesso que não esperava que o Francisco não viesse. Até admito que fiquei magoado — quem sabe, até me senti trocado. Quer dizer, quando estive na merda, era eu quem o ouvia noites a fio e lhe aturava as mágoas do início do divórcio. Agora, que encontrou a «alma gémea», já se está borrifando. Ao menos eu não tenho esses problemas de «almas gémeas». Na realidade, nunca me entreguei dessa maneira a gaja nenhuma nem pretendo fazê-lo. A única vez que estive perto, fodi-me logo, por isso nunca mais.

Mas não posso dar importância a estes pormenores. Já devia ter aprendido que desde que os sentimentos estejam envolvidos as coisas doem. É a vida! Tenho mesmo é que investir no campeonato e na vitória que quero alcançar.

Engraçado, mas sempre que estou sentado a pensar e a querer sossego, o meu telefone toca e é ela. Sempre ela.

Impossível ter o meu espaço. Impossível.

A sua voz, que era tão doce, parece-me agora uma matraca insuportavelmente inaudível. Diz que quer jantar comigo hoje à noite. Não me apetecia mesmo nada, mas acabei por concordar. Acho que é hoje que vou finalmente por os pontos «is», embora não me apetença ficar sozinho. O que não falta por aí são mulheres e eu estava mas era já a habituar-me a esta, o que não é nada bom. Mas, como diz um amigo meu, «as mulheres são como os autocarros: perde-se uma — vem logo outra de seguida».

Uma coisa é certa: ela quer coisas que eu não quero. Acho até que colocou muitas expectativas nesta relação, ao contrário de mim, que só queria alguém com quem estar e me enrolar de vez em quando.

Há coisas em que é mesmo melhor cortar o mal pela raiz. Esta é uma delas. Se ela não terminar, termino eu. Sou um tipo forte. Só espero é que ela não comece a chorar, que isso é que eu não aguento mesmo. Odeio gajas lamechas.

Para: francisco@gmail.com.uk
De: joao@gmail.com
Assunto: Está bem, eu aguento!

Ora viva, caro amigo!

Confesso-lhe que fiquei abismado com o seu novo estado civil: «Apaixonado.» Felicito-te pelo facto, mas confesso que não estava à espera que trocasses o campeonato por uma gaja. Desculpa lá a sinceridade, mas é a minha opinião.

Essa coisa de deixares de fazer as coisas para lhe agradares não me parece um bom começo, mesmo que o justifiques com o equilíbrio do «custo-benefício».

E sabes que mais? Isso nada tem que ver com a neblina londrina. Foste caçado e estás tramado, para não dizer mesmo lixado com um F grande!

Fico com pena que não possas estar, mas com certeza não faltarão ocasiões. Irei dar o meu melhor, embora ande meio moído e sem perceber muito bem o que se anda a passar comigo.

A malta no atelier até pergunta se ando mal com a vida. Dizem que estou muito embirante e a verdade é que me sinto assim. Mas não acho que isto tenha nada que ver com a Marta ou, se calhar, até tem. Sei lá.

Hoje mesmo vou ter uma conversa com ela, para pormos um ponto final nisto, e, depois, logo se vê... Com tanta mulher para aí abandonada não será difícil encontrar quem me queira dar uns apertões, não te parece? Agora, compromissos? Nem pensar. Isso nem a neblina londrina seria capaz de mudar em mim.

Um abraço,

João

Francisco

Acabo de comprar a prenda para a *Tinkerbell*, que está quase a fazer anos. De saco na mão, dou por mim a pensar que nunca me lembrava dos anos da minha ex-mulher. Admito que sinto uma certa culpa. Percebo que, quando o fazia, não era dela que me esquecia — era de mim que não me lembrava. Estava tão afastado de mim próprio que jamais poderia estar próximo de alguém.

Aqui, estou no metro. Acabo de passar Northern e sinto-me honestamente feliz. Engraçado ver as estações a passarem e sentir a velocidade com que o metro trilha os carris, neste túnel escuro que tantas vezes me relembra a vida.

Quantos e quantos túneis percorri ao longo destes anos, em busca de luz, procurando a renovação de cada estação dentro de mim, nesta tentativa existencial de entender o sentido de estar vivo.

Observo. Entram e saem passageiros. A paragem obrigatória. A renovação inevitável. O túnel escuro e, ao fundo, a luz. Os olhares cruzados que nos iludem de que todos somos desconhecidos. A rapidez da vida, na certeza da incerta hora da morte. A vontade de que a viagem termine e o medo de enfrentar o que se segue, ao sentir o cais de desembarque.

Quantos «metros» já apanhei? Quantas vidas já terei vivido? Quantas mortes já me fizeram viver e quantas vidas já me obrigaram a deixar ir? Ainda há no mundo tantas estações que desconheço. Ainda há em mim tanto para aprender.

Para: joao@gmail.com

De: francisco@gmail.com.uk

Assunto: Sim, estou apaixonado.

Olá, Portugal!

Então, rapaz, como estão as coisas?

Percebi, pelo teu e-mail, que ficaste meio desconfortável com a notícia do meu novo estado, «apaixonado»...

Quero dizer-te, amigo, que não troquei o campeonato por uma «gaja». Apenas senti que me apetecia estar com a mulher que amo, no seu dia de anos.

Sabes, João? Fui aprendendo muito, ao longo deste meu percurso. Essencialmente, aprendi o que quero de uma relação. Com os meus erros anteriores aprendi o suficiente para não os querer voltar a repetir. Talvez estejamos ambos (eu e a Lu) num nível de consciência idêntico, o que nos ajuda a não estarmos com grandes expectativas nesta relação e a sabermos aproveitar melhor cada momento que vivemos.

Hoje, para mim, a questão não é deixar de fazer as coisas de que gosto, para lhe agradecer, mas, pelo contrário. Procurar estar bem comigo, o suficiente para ter espaço interior para fazer aquilo que sinto na altura ser melhor para mim, sim, mas, também, o melhor para ambos. E, aqui, ambos não é só ela — é ambos!

Nenhum de nós exige nada do outro. Temos liberdade para fazermos o que quisermos. E é essa sensação verdadeira de liberdade que é nova para mim. A liberdade que vem de dentro. A liberdade que é individualidade e que é espaço interior e não a liberdade de que falava, quando estava com a minha ex-mulher e que vim a perceber ser mais libertinagem do que outra coisa. Essa não é apenas uma diferença de semântica; é claramente uma diferença de atitude.

Tenho tanto espaço que posso percorrê-lo como eu bem entender. Sem culpas ou julgamentos. Sem vontade de ter de sair para ir apANHAR ar, pois hoje o ar circula em mim, logo, circula naturalmente entre nós.

Entendes-me agora, amigo? Entendes que não se trata de trocar um campeonato por uma «gaja»?

Uma relação é um ser vivo. Tem inevitavelmente de ser nutrida, estimada e acarinhada. Mais do que lixado com um F grande, estou muito feliz!

Parece que não podes dizer o mesmo, não é? O que se passa contigo afinal? Já falaste com ela? Sinto-te meio perdido. Vê se consegues pôr no papel aquilo que te vai realmente na alma, se é que, com tanto «frenesim», ainda a tens.

Aquele abraço.

Francisco

«AS PESSOAS NÃO SE GANHAM NEM SE PERDEM.
ENCONTRAM-SE QUANDO TÊM ALGO PARA
APRENDER UMA COM A OUTRA,
E DESENCONTRAM-SE QUANDO
DEIXAM DE TER.»

Lisboa. Londres. Duas amigas. Dois amigos. Marta, João, Luísa e Francisco.

O afastamento na proximidade e a distância que sabe aproximar. Encontros e desencontros, dependências e apegos, palavras que nada dizem e silêncios que falam por si.

A dor da solidão na companhia e o prazer da companhia que só a solidão sabe ensinar. Perdas e ganhos num mundo de sincronidades onde vale tudo menos resistir à proposta de transformação que é uma relação amorosa.

Quatro vidas diferentes. Uma certeza comum.

**Não há milagres de amor, há sim amores
que conosco fazem verdadeiros milagres.**

«UM LIVRO QUE ABORDA A MORTE E O RENASCIMENTO
COM QUE TODOS NÓS SOMOS CONTINUAMENTE
CONFRONTADOS, NESTE MUNDO EM QUE TUDO É
EFÊMERO, MAS ONDE TAMBÉM SOMOS
CONTINUAMENTE DESAFIADOS
A ACREDITAR NA EXISTÊNCIA DE ALGO ETERNO.»

Maria José Costa Félix, *in* Prefácio


nascente
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-11-4



9 789898 839114

Romance Inspiracional